

Entretantos, 2014

Grupo: **SEXTA CLÍNICA**

Integrantes: Ana Carolina Vasarhelyi de Paula Santos, Cristina Ribeiro Barczinski, Déborah de Paula Souza, Deivian Butler, Gisele Senne de Moraes, Gustavo Veiga, Marcelo Soares da Cruz, Marcia Maroni Daher Pereira e Sônia Maria Ramos Mendonça

Proponentes: Cristina Barczinski e Sônia Mendonça

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

“A CLÍNICA COMPARTILHADA E SEUS EFEITOS”

Apresentadora: **CRISTINA RIBEIRO BARCZINSKI**

Antes de mais nada, gostaria de agradecer em nome do grupo a comissão organizadora desta Jornada tão importante, para que todos do Departamento entremos em contato com a enorme diversidade de atividades realizadas pelos grupos de trabalho. Depois deste longo e produtivo evento, nos sentimos honrados em encerrar o evento e seremos breves.

A criação do grupo de trabalho Sexta Clínica foi intermediada pela Incubadora de Idéias e surgiu a partir da necessidade de compartilhar as questões da atividade clínica num ambiente de confiança e dentro de um grupo com número limitado de integrantes. Atuando desde 2012 como um grupo horizontal de reflexão sobre nossa prática cotidiana, construímos uma escuta coletiva que busca acolher as particularidades da clínica de cada um. Constituímos um grupo de nove analistas – Ana Carolina Santos, Cristina Barczinski, Déborah de Souza, Deivian Butler, Gisele Senne de Moraes, Gustavo Veiga, Marcelo Cruz, Márcia Maroni Daher e Sonia Mendonça, com reuniões semanais às sextas-feiras. Somos um grupo relativamente novo, ainda em fase de construção, portanto vamos experimentando formatos diferentes, que surgem a partir de nossas discussões.

Uma das coisas mais valiosas na montagem deste grupo foi o compromisso, que ficou claro desde o início, de poder discutir a clínica sem censura. Todos nós temos a preocupação em trazer atendimentos que não vão bem, aqueles onde temos sérias

dúvidas de manejo, em relação aos quais desconfiamos que não esteja acontecendo nada, percebemos o risco de perder o paciente ou quando já o perdemos e queremos entender por quê. Das questões do contrato e pagamento até as hipóteses clínicas e o quantum de afeto convocado pela prática clínica, já discutimos temas os mais variados. Por vezes determinados temas nos convocam de modo mais insistente, o que acaba nos levando a mudanças de estratégia. No princípio, as hipóteses diagnósticas que surgiram a partir de um determinado caso clínico, nos levaram a buscar leituras de apoio em relação ao tema da perversão, por exemplo. Em outro momento, a temática do pagamento se fez presente e tentamos nos dedicar a este tema em especial. Na maioria das vezes, no entanto, acabamos trazendo casos clínicos para discussão e é neste formato que vamos conhecendo o modo de trabalhar de cada um.

A horizontalidade do grupo nos permite um discurso mais livre, temos diante do material uma escuta aberta, flutuante, fazendo associações, propondo palavras e imagens que possam contribuir para uma reflexão clínica sobre os casos apresentados. Desta forma, se constrói um ambiente de intimidade e cuidado onde se dá o acolhimento das diferenças, onde podemos ser ouvidos sem medo de sermos atacados.

O trabalho de um analista é essencialmente solitário. Obviamente se pode escrever sobre os casos, inclusive publicá-los, com os cuidados necessários. Também a supervisão é uma ferramenta fundamental para que as dúvidas, angústias em relação a certos pacientes e ao ofício de um modo geral possam ser discutidas com um terceiro. De qualquer forma, o sigilo exigido na clínica reduz a possibilidade de um compartilhamento mais frequente, o que torna fundamental uma parceria como esta.

No grupo surgem frequentemente questões sobre o excesso de idealização do papel do analista, dúvidas sobre o que seria o seu lugar. Mas talvez a questão que mais nos perturbe quando lidamos com um paciente continue sendo o manejo da transferência. É neste momento que somos radicalmente afetados pelo que vem do outro, aquilo que irrompe dentro de um processo analítico é justamente o que nos afeta enquanto sujeitos analistas, quando somos postos à prova.

Embora a temática da transferência seja exaustivamente tratada ao longo de nossa formação, ela tem a capacidade de nos pegar de surpresa, de nos capturar. Pode ser desconcertante lidar com a transferência numa situação analítica. Surge à lembrança a comparação usada por Freud, que em *Observações sobre o amor transferencial*(1915), imagina uma representação teatral que é interrompida com um grito de “fogo!”, desmascarando o pacto que sustenta a encenação.

Entre analista e analisando, o pacto envolve a existência do inconsciente, que pode se manifestar em qualquer fala ou ato humano. O analista tem o compromisso da abstenção e atenção flutuante, usando o método interpretativo, e o analisando é convidado a associar livremente. Este pacto se apóia numa relação assimétrica e só se sustenta a partir do estabelecimento da transferência, que paradoxalmente é tanto condição quanto ameaça ao processo analítico. Nossas discussões na *Sexta Clínica* abordam as diversas nuances desse pacto transferencial e o quanto ele nos afeta, uma vez que o tratamento é o lugar do risco, do inesperado e o analista também está sujeito a amar e odiar aquele a quem deve escutar.

Pensamos em nomear *intervisão* nosso processo de trabalho, em que a todo relato de caso, cada um de nós lança mão do seu repertório pessoal de associações, imagens e referências teóricas e o coloca a serviço da escuta daquele analista. Desta forma, mais do que discutir hipóteses diagnósticas ou mesmo propor condutas específicas, podemos partilhar uma experiência e acabamos por construir um lugar de cuidado para nós, enquanto analistas. Se construímos um espaço onde podemos falar livremente sobre a angústia que certos pacientes nos provocam, ele se torna um instrumento valioso para que possamos sustentar a implicação diante do outro



que o nosso trabalho exige. Saímos frequentemente fortalecidos de nossos encontros, por isso acreditamos que a Sexta Clínica realmente pode funcionar como um *coletivo com afeto*, buscando preservar o encantamento gerado pelo convívio generoso entre pares e por nosso belo - e frequentemente arriscado e misterioso - ofício.

